

A FORMAÇÃO DA FIGURA DO SOCIÓLOGO MODERNO NO BRASIL: TRAJETÓRIAS INTELECTUAIS E INSTITUCIONAIS DE ANTÔNIO CÂNDIDO E FLORESTAN FERNANDES

THE FORMATION OF THE FIGURE OF THE MODERN SOCIOLOGIST IN BRAZIL: INTELLECTUAL AND INSTITUTIONAL TRAJECTORIES OF ANTÔNIO CÂNDIDO AND FLORESTAN FERNANDES

* **Eliei dos Reis Almeida**

Recebido em: 08/08/2020.

Aceito em: 28/09/2020

Resumo:

O objetivo deste artigo é narrar como a sociologia, com um viés mais cientificista, se institucionalizou enquanto pensamento hegemônico na prática de pensar o Brasil na segunda metade do século XX. Para isso, uso as trajetórias intelectuais e institucionais de Antônio Cândido e Florestan Fernandes, dois exemplos da dicotomia entre atividades ligadas à cultura do ensaísmo e a cultura científica e acadêmica instaurada na Universidade de São Paulo (USP). Uso suas trajetórias no sentido de evidenciar as disputas em torno da identidade da profissionalização do sociólogo no Brasil.

Palavras-chave: Pensamento social brasileiro. Trajetórias. Profissionalização do sociólogo. Cultura científica. Cultura ensaística.

Abstract:

The purpose of this article is to narrate how sociology, with a more scientific approach, became institutionalized as hegemonic thinking in the practice of thinking about Brazil in the second half of the 20th century. For this, I use the intellectual and institutional trajectories of Antonio Candido and Florestan Fernandes, two examples of the dichotomy between activities linked to the culture of essayism and the scientific and academic culture established at the University of São Paulo (USP). I use their trajectories in order to highlight the disputes over the identity of the professionalization of the sociologist in Brazil.

Key Words: Brazilian social thought. Trajectories. Professionalization of sociologist. Scientific culture. Essayistic culture.

1. Introdução

A Sociologia enquanto disciplina acadêmica se instaurou no Brasil na primeira metade do século XX e é consolidada, enquanto ciência, apenas na segunda metade do século XX. Duas instituições tiveram um papel importante nesse processo: a Universidade de São Paulo e a Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP), criadas

em 1934 e 1933, respectivamente. O clima cultural que proporcionou o surgimento dessas importantes instituições para a formação da figura do sociólogo moderno tem raízes no processo de modernização do país. Essas instituições nascem

[...] no interior de um contexto intelectual mais amplo

de interesse renovado pelo Brasil que se expressou nos mais variados setores da vida cultural do país: na instrução pública, nas reformas do ensino primário e secundário, na produção artística e literária, nos meios de difusão cultural e, sobretudo, na ênfase posta no conhecimento do país (PONTES, 1998: 89).

A década de 1930 teve inflexões históricas que se fizeram plasmarem no clima intelectual e cultural da época. A revolução de 1930 e a crise das facções oligárquicas foram alguns dos eventos que tiveram um papel fundamental neste clima intelectual. Mas não podemos tomar esses eventos como causa primeira e mecânica das mudanças ocorridas no país no plano da cultura. A revolução de 1930 foi antes de tudo “um eixo em torno do qual girou de certo modo a cultura brasileira, catalisando elementos dispersos para dispô-los numa configuração nova” (Cândido, 2000a, p. 27). Nesse período, houve uma crescente valorização da cultura moderna, ocasionada por mudanças em várias esferas. Em São Paulo,

[...] a modernidade instala-se polissêmica, em um complexo contexto social e político, basicamente delimitado pela crise da oligarquia tradicional paulista, pela intensa urbanização e introdução de novas tecnologias urbanas, pela industrialização crescente e correlata conformação das classes populares cidadinas (SEVCENKO, 1992, Apud ARRUDA; GARCIA, 2003, p. 31).

A perda de influência da oligarquia paulista no cenário nacional, juntamente com a valorização pela elite liberal da cultura moderna, influenciou na criação da Universidade de São Paulo. Segundo Miceli, só se pode entender a expansão dos empreendimentos culturais e ideológicos perpetrados pela elite paulista na esteira das disputas entre as facções da oligarquia pela hegemonia

política. Para ele, é nesse contexto de crise social e política que se desenvolve e se expande o campo de produção cultural em São Paulo (2001, pp. 77-78). Com a perda de influência da elite paulista em âmbito nacional, esta começa a projetar em seu imaginário e nas mudanças experienciadas em São Paulo uma razão e um destino: civilizar o Brasil. A valorização da arte, da ciência e da tecnologia, passaria a ser permeada por uma ânsia de formar uma identidade nacional a partir das culturas populares locais. A elite de São Paulo empreenderia em seu imaginário uma “missão civilizadora” que perpassava pela criação e cultivo de uma elite política ilustrada que guiaria o Brasil (ARRUDA e GARCIA, 2003, pp. 31-32). A Universidade de São Paulo nasce com o intuito de formar uma elite política para conduzir o país. Como veremos, no entanto, esse projeto não se concretizou em sua integralidade.

A Universidade de São Paulo instituiu um novo modo de pensar a realidade brasileira, assim como um novo perfil de intelectual. Um desses perfis foi o do sociólogo. Esta identidade profissional foi moldada por algumas personalidades que atuaram dentro da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Essas personalidades deixaram marcas indeléveis no pensamento social brasileiro e no modo do fazer sociológico (Ibidem: 13). Dentre eles está o sociólogo Florestan Fernandes. Através de sua atuação institucional e intelectual dentro da Faculdade de Filosofia, ele imprimiu um modo do fazer sociológico que se concretizou no que se convencionou chamar de “Escola Paulista de Sociologia”.

O objetivo do trabalho é narrar como a Sociologia, com um viés mais cientificista, se institucionalizou

enquanto pensamento hegemônico na prática de pensar o Brasil no século XX. Usarei as trajetórias [1] intelectuais e institucionais de Florestan Fernandes e Antônio Cândido, com o objetivo de explicitar essas tensões e disputas em torno do estatuto epistemológico da Sociologia nesse período de institucionalização e profissionalização. Não pretendo fazer aqui uma análise das trajetórias de vida de Antônio Cândido e Florestan Fernandes. Desejo, contudo, analisar uma disputa em suas trajetórias institucionais e intelectuais entre os seus modos de ver o fazer sociológico. De um lado, Cândido tem em sua prática sociológica o diálogo entre a literatura e a sociologia e, de outro, Florestan dialoga com uma cultura mais acadêmica e cientificista. Porém, retornarei a algumas partes de suas trajetórias de vida para elucidar as posições que estes tomaram ao longo de suas carreiras intelectuais e institucionais revelando assim suas posições em torno do estatuto epistemológico da Sociologia. Na época, Cândido não conseguiu imprimir sua posição do fazer sociológico como Florestan Fernandes [2], que viria a institucionalizá-la nas décadas de 1950 e 1960 em torno da cadeira de Sociologia I da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

Os dados da reconstrução de suas trajetórias intelectuais e institucionais são colhidos nos trabalhos recentes (a partir de 2000) de pesquisadores especialistas no período de institucionalização das Ciências Sociais no Brasil. Pesquisadores estes que, em sua maioria, não participaram do processo. A escolha se deu, em parte, porque esses pesquisadores, com o olhar privilegiado de um analista do futuro, olham para esse período com menos paixão do que os atores que estavam envolvidos nesse

processo.

Em parte, a análise que proponho é inspirada em Wolf Lepenies (1996). Ele evidencia a competição entre literatos e sociólogos pela legitimidade de explicar e orientar o desenvolvimento da sociedade ocidental industrial no final do século XIX e início do século XX. Porém, neste trabalho, a análise focará nas trajetórias intelectuais e institucionais de sujeitos (Florestan e Cândido), em detrimento da análise de grupos. No entanto, os resultados da análise expõem resultados similares porque permitem mostrar os embates em torno dos significados da profissionalização do sociólogo e da institucionalização das Ciências Sociais no Brasil. Esta disputa revela um dilema na formação da Sociologia moderna entre seguir uma posição que busca a legitimação da Sociologia como ciência baseada nos cânones do pensamento científico e outra baseada em um modelo mais hermenêutico, aproximando-se, assim, da literatura.

2. Definindo posições

O ensaísmo, na cultura brasileira, é uma tradição que remonta a Euclides de Cunha e que atingiu o seu ápice nas décadas de 1930 e 1940 com os ensaios histórico-sociológicos de interpretações da formação nacional brasileira. Nesses ensaios nossa constituição era vista com uma incompletude em relação ao desenvolvimento visto no chamado núcleo duro da modernidade. Ensaios como *Casa grande & senzala*, de Gilberto Freyre, *Evolução política do Brasil*, de Caio Prado Jr e *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, são os expoentes desta época. Esta era a tradição intelectual que vigorava antes da criação da USP e da ELSP e que perdurou por algum

tempo mesmo após a criação dessas instituições.

A criação e o projeto da USP encarnam um espírito de otimismo nos produtos da modernidade. A ciência como um desses produtos é valorizada e fomentada (Ibidem, p. 62). Segundo Antônio Cândido (2000a), no período posterior à revolução de 1930, houve uma democratização da cultura [3] entre as classes médias constituídas a partir da urbanização e industrialização de São Paulo. São essas classes médias e frações da burguesia que constituem as raízes do pensamento radical do pós Segunda Guerra Mundial, segundo Carlos Guilherme Mota (1985). Ainda segundo Mota, essas classes se expressariam a partir da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Isto seria plasmado na escolha dos objetos de análises desses intelectuais, intimamente ligado à visão de cultura que eles assumiam. Enquanto na década de 1930 assistiu-se o nascimento dos grandes “Intérpretes do Brasil”, muitos deles vinculados a uma visão de cultura estamental (a qual o ensaio ficou intimamente ligado), na década de 1940 surgiram os intelectuais vinculados à USP com a visão de que a cultura deveria expressar o povo brasileiro e não apenas uma fração da classe dominante. Nesse sentido, as classes populares aparecem pela primeira vez como objeto de análise no pensamento dos intelectuais e não só em termos formais, a julgar pelos temas de pesquisas que foram conduzidas nos anos iniciais da USP, como exemplificam os trabalhos de Florestan sobre os negros em São Paulo e de Cândido sobre o caipira paulista, personagens que interessam a nossos objetivos. Essa geração uspiana será um progresso em relação aos ensaístas de 1930 porque caminha de uma “consciência amena do atraso’ para a ideologia de um

‘país novo’” (MOTA, 1985, p. 153). Essa ideologia de um “país novo” tinha como viga mestra do pensar o espírito científico, implantado na capital paulista pelos professores estrangeiros.

Os professores estrangeiros das missões que aportaram na USP e na ELSP encontraram uma experiência de produção de conhecimento assistemático, quase sem critérios de validade e sem sistemas de produção e reprodução do conhecimento. O que encontraram foi, sobretudo, a cultura do bacharelismo vinculada à cultura humanística. Experienciados com o sistema acadêmico francês (rígido, disciplinado, quase monástico), é de se prever o estranhamento que esta tradição de conhecimento causou nos jovens professores recém chegados ao Brasil. Nesse sentido, a vontade de fazer carreira aqui tinha que ser direcionada para a construção de um sistema de produção científica de forma a negar e rejeitar esse passado do fazer sociológico ligado ao tradicional. A atuação deste grupo de professores foi fundamental para a formação do jovem Florestan e para uma nova geração de cientistas sociais no sentido de iniciação à cultura científica europeia, sobretudo francesa, e estadunidense. Após estabelecerem-se em São Paulo eles instauraram “procedimentos, exigências, critérios acadêmicos de avaliação, titulação e promoção” (MICELI, 1987, Apud ARRUDA e GARCIA, 2003, p. 54). Por causa da falta de um sistema de produção de conhecimento, esses professores viram

[...] como um total alheamento da realidade por parte dos brasileiros. Responsável por uma cultura de diletantes, carente de consistência, mais símbolo de diferenciação social do que meio para a produção do conhecimento. (Ibidem, p. 51-52)

Para vencer esse modelo arcaico e conservador, era preciso

A construção de uma identidade profissional específica, incorporando-se teorias e técnicas de pesquisa aqui aportadas pelos professores estrangeiros, sobretudo franceses, na USP e os norte-americanos na ELSP, além de novas formas de organização e avaliação do trabalho intelectual, tornando-se quase inevitável o fortalecimento da nova forma expressiva, em oposição à precedente, legitimada progressivamente (JACKSON, 2007b, p. 35).

Antônio Cândido e Florestan Fernandes matizam ao longo de suas carreiras, de forma mais ou menos clara, o embate dessas posições de como pensar a realidade brasileira, visto que a:

Oposição entre ensaio e ciência deve ser pensada [...] como relação complexa, em torno da qual diferenciavam-se personagens e grupos, mais ou menos envolvidos no projeto de opor a Sociologia como ciência ao ensaio (Ibidem).

Nesse sentido, Florestan Fernandes e Antônio Cândido estavam inseridos em um debate mais amplo em torno do fazer sociológico, com vistas à institucionalização, profissionalização e disciplinarização das Ciências Sociais no Brasil. A escolha das trajetórias de Cândido e Florestan para este trabalho não é mera aleatoriedade. A “consideração da trajetória intelectual de Antônio Cândido e Florestan Fernandes permite tomá-los como representantes exemplares da contraposição entre a atividade cultural e a atividade científica” (ARRUDA e GARCIA, 2003, p. 60). Não obstante, os autores partem de lugares de enunciação específicos dentro do cenário intelectual paulista: a Universidade de São Paulo [4], revelando, em parte, o tipo de socialização que os

dois autores tiveram durante seus anos de estudos nesta instituição.

Não tomo Florestan Fernandes e Antônio Cândido como defensores de posições e clivagens opostas, senão como rupturas e continuidades de suas posições sobre o fazer sociológico. Os dois autores faziam parte do que se convencionou chamar de “Escola Paulista de Sociologia” e, nesse processo, um imprimiu mais a sua identidade sobre essa escola. Esta tem um determinado programa, que se evidencia na “[...] continuidade verificada na recorrência de temas e linhas de interpretação de uma geração para a outra [...]” (JACKSON, 2007b, p. 34).

Nesse sentido, o que Florestan Fernandes e Antônio Cândido têm de diferente um do outro? Quais são suas maneiras de ver o fazer sociológico? Nesse período de rotinização do fazer sociológico, o que ocorria era uma disputa em torno de uma posição epistemológica da Sociologia, atrelada ao desejo de pensar a realidade social para quebrar os empecilhos à modernidade nos trópicos. Os dois sociólogos tinham o mesmo pensamento em relação ao papel da Sociologia nessa fase da modernização no Brasil. Qual seja, a crítica científica da realidade social. Para isso, era necessário que a Sociologia se consolidasse como ciência. Mas o processo de consolidação dessa ciência é visto de maneira diferente pelos dois sociólogos e é precisamente nesse ponto que eles divergem. Torna-se mais fácil descrever esse embate como “um mesmo projeto, duas formas de realização” (ARRUDA e GARCIA, 2003, p. 60).

2.1. Florestan Fernandes e Antônio Cândido: deslocamentos, inserções e

disputas

As trajetórias intelectuais e institucionais de Florestan e Cândido se entrelaçam no ano de 1941, ano em que Florestan Fernandes inicia o curso de Ciências Sociais e Políticas. Nesse período, Antônio Cândido já estava no final da graduação enquanto Florestan iniciava sua trajetória intelectual e institucional. Nesse mesmo ano, Cândido criaria, com o seu grupo, uma revista de crítica cultural que iria marcar a cena cultural de São Paulo. O grupo era formado por Décio de Almeida Prado, Paulo Emilio Salles Gomes, Lourival Gomes Machado, Ruy Galvão de Andrada Coelho, Gilda de Melo e Souza e Antônio Cândido. Esse grupo nomeou a revista de *Clima*. A revista foi um dos primeiros produtos da Faculdade de Filosofia, mas um produto híbrido de certa forma, pois:

Atentos [os integrantes do grupo *Clima*] ao que se passava na literatura, no cinema, nas artes plásticas e no teatro, fizeram da crítica o elo entre a tradição intelectual brasileira, fortemente impregnada pelo ensaísmo e o estilo acadêmico instaurado pela universidade (PONTES, 1998, p. 174).

Florestan Fernandes é o produto mais bem acabado da nova maneira de produção de conhecimento que os professores estrangeiros instalaram na Universidade de São Paulo. A faculdade de Filosofia foi o lugar de atuação por excelência de Florestan. Ele é criador e criatura de uma tradição de pensamento social desta instituição. Sua formação e seu modo de ver o fazer sociológico foi influenciado pelo seu contato com um tipo de tradição acadêmica específica da USP. Além disso, graças a sua atuação intelectual e institucional dentro desta faculdade de Filosofia, imprimiu nela sua identidade e um modo

específico de fazer Sociologia, pois

A sua existência profissional e intelectual pressupôs um lugar institucional, um território demarcado da produção do conhecimento, um espaço de elucubração mental, de permanente e sistemático exercício da imaginação e do espírito crítico (ARRUDA, 2003, p. 14).

Por isso, suas trajetórias são de fundamental importância para esclarecer um embate entre diferentes visões não estanques do fazer sociológico: Cândido, com a visão de que a Sociologia brasileira e sua prática são permeadas pelo “sincretismo” entre literatura e Sociologia [5], e; Florestan, com uma visão que encarna o espírito da USP, do cientificismo, de transcendência do ensaísmo e do tradicionalismo que este representava.

Não se pode entender a trajetória intelectual e institucional de Florestan sem entender os processos de mudanças em várias esferas pelo qual passava o Brasil a partir da terceira década do século XX, como as oportunidades de ingresso no ensino superior que se vislumbrou no horizonte de possibilidades das classes menos abastadas, como a de Florestan (ARRUDA, 2010). Assim como não se pode entender a trajetória de Cândido sem suas experiências, sua sociabilidade e sua origem social. No primeiro ano da Faculdade, o jovem Florestan sente dificuldades para acompanhar as aulas por serem ministradas em francês. A causa principal é o seu “dezenraizamento social e cultural”, pois vindo de uma família descendente de imigrantes portugueses, sendo sua mãe, Maria Fernandes, uma empregada doméstica, é de se imaginar o capital cultural que este movia no início de seu curso. Florestan sofreria até a juventude os efeitos dos mecanismos de exclusão social que mais tarde se tornariam

objetos de suas agudas análises sociológicas (PONTES, 1998, p. 165).

É conhecido o evento em que Florestan, ao entregar seu primeiro trabalho ao professor Roger Bastide, recebe a nota 4,5. O trabalho se intitulava “A crise causal da explicação sociológica”. O comentário de Bastide sobre o trabalho foi: “tinha pedido uma discussão sistemática sobre o assunto e não uma reportagem” (ARRUDA e GARCIA, 2003, p.51). O comentário de Bastide é emblemático porque

Polarizando o estudo sistemático e o jornalismo, expressa uma contraposição entre os padrões de abordagem e estilo da cultura científica e da cultura em geral que marcou decisivamente a atuação dos professores estrangeiros em um certo setor da Faculdade de Filosofia (Ibidem, p. 51).

Ainda no ano de 1941, durante as horas vagas, Florestan se volta para o estudo para conseguir acompanhar as aulas. Este é um ponto de inflexão em sua trajetória. A obstinação, a disciplina, a sistematização e o método tornar-se-iam parte de sua identidade. Em vez de desistir ou desmotivar-se nos estudos, o jovem sociólogo se tornou mais determinado, revelando assim, o quanto esses constrangimentos institucionais e essa socialização especificamente acadêmica foram tributários na escolha de temas, estilos e visão do fazer sociológico.

Como resultado de seus estudos, Florestan Fernandes escreve mais um trabalho intitulado Aspectos do folclore paulistano: resultados de uma pesquisa de campo. Este trabalho é fruto de uma matéria sobre o folclore em São Paulo, ministrada pela assistente de Bastide à época, a prof. Lavínia Costa Villela. O trabalho foi avaliado com nota 9.0. Inconformado com a nota, pediu um “debate crítico”.

Para a professora, Florestan “levara o enfoque sociológico longe demais” (Ibidem, p. 63). Ainda inconformado, esperou Bastide voltar da França e o procurou para uma reavaliação. Na visão do professor, o trabalho era original e consistente e ele solicitou que Florestan aprofundasse a perspectiva analítica adotada no trabalho. Segundo Arruda

O episódio é decisivo na carreira de Florestan Fernandes no sentido primeiro e necessário de reconhecimento de seu valor intelectual pelos mestres no interior da academia (Ibidem, p. 64)

Na ocasião, o trabalho circulou nas mãos de mestres como Emilio Willems (Regente da Cadeira de Antropologia) e Fernando de Azevedo (Regente da cadeira de Sociologia II). Este, reconhecendo o talento do estudante, começou a se relacionar pessoal e intelectualmente como o jovem sociólogo (Ibidem). Os desdobramentos dessa amizade levariam Florestan Fernandes a colaborar regularmente com o jornal O Estado de S. Paulo. Inicialmente ele reorganiza esse trabalho e publica, em 1942 e 1943, dois artigos em Sociologia. A partir de uma nova organização pública As trocinhas do bom retiro, em 1944. Neste trabalho, se faz transparecer a primeira tentativa de defesa da cientificidade e de demarcação do campo de estudo da Sociologia:

Florestan define a abordagem sociológica dos fenômenos folclóricos em contraposição direta ao enfoque folclorista, configurando o primeiro enfrentamento disciplinar na qual expõe publicamente sua defesa da Sociologia, em um ataque cerrado à pretensão de cientificidade do folclore (ARRUDA; GARCIA, 2003, p. 65).

Como demonstra Peixoto (2000), há nesse trabalho um pouco da influência de Roger Bastide. Na perspectiva do “mestre”, os percalços da modernização

seriam entendidos por meio de uma análise da cultura na qual a tradição não seria um entrave, dado que passaria por uma revisão crítica de seus pressupostos. Nesse sentido, a cultura seria capaz de plasmar formas de resistências e seria objeto rico para a análise sociológica. A escolha do tema e do método ainda estava em consonância às do “mestre” em *As trocinhas do bom retiro*. No entanto, para Florestan, serviriam para objetivos diferentes. Para ele, o foco eram as mudanças sociais em curso acelerado que proporcionavam a desintegração do folclore. Ainda segundo Peixoto (2000), a perspectiva de Bastide não seria substancial na Sociologia de Florestan. Ao longo de sua carreira (anos 1950 e 1960), ele privilegiaria cada vez mais a análise econômica e política. Os mais aptos a continuarem a linha de interpretação da cultura de Bastide seriam Antônio Cândido e Maria Isaura Pereira de Queiroz. Segundo Jackson (2007b), as tensões e disputas em torno de objetos da Sociologia ocorreriam em face dessas perspectivas, a Sociologia da cultura e a Sociologia do desenvolvimento, principalmente a partir da década de 50, época em que Bastide volta à França. Após sua saída a Sociologia da cultura perderia progressivamente importância dentro da Faculdade de filosofia.

Cândido nasceu em 1918, no Rio de Janeiro, filho de Clarisse Tolentino de Mello e Souza e Aristides de Mello e Souza. A mãe fazia parte de uma família que por tradição eram médicos. A dona Clarisse era irmã de Maria Clara Tolentino, esposa de Miguel Pereira, médico de projeção nacional na época. Desta união nasceu Lúcia Miguel Pereira, prima de primeiro grau de Cândido, a quem este chamava de “tia” por razão de esta ser dezessete anos mais velha que ele. Ele nutria por ela afeição e amizade.

Na época, Lúcia era uma importante romancista, escritora de literatura infantil, crítica e historiadora da literatura.

Além de médico, o pai de Antônio Cândido cultivava uma sólida biblioteca particular, a qual o filho sempre visitava. Na biblioteca havia “um núcleo de divulgação filosófica e científica, um núcleo de história e um núcleo de literatura” (Cândido, 1993, Apud PONTES, 1998, p. 54). Nesse último núcleo figuravam livros como de

Eça de Queirós, Olavo Bilac, Euclides da Cunha, Anatole France, Machado de Assis, Alphonse Daudet, Goethe, Schiller, Tolstói, Proust, Ibsen, Valéry, Jean Cocteau, Jules Romains, Dostoiévski, Romain Rolland, Baudelaire, entre outros (PONTES, 1998, p. 154).

Foi nessa biblioteca que Cândido teve contato com Silvio Romero, a partir do livro *História da Literatura Brasileira* (Ibidem). A exposição desses fatos é pertinente para elucubrar o capital cultural que Cândido estava mobilizando em torno de seus interesses e seus percursos intelectuais e institucionais dentro e fora da Faculdade de Filosofia e demonstrar o quanto tributários a esse capital são as suas escolhas de temas, estilos e objetos de análises. Nesse sentido, podemos supor qual tipo de intelectual Cândido teve maior tato. Os parentes de Antônio Cândido eram intelectuais típicos dos anos 1920 e 1930. Tinham suas atividades centradas na intersecção entre jornalismo e crítica literária. A intimidade de Antônio Cândido com esse padrão de carreira intelectual seria reforçada pelos pais no acompanhamento dos estudos (PONTES, 1998, p. 154).

Além de seu interesse pela literatura, Cândido

adquiriu um interesse pela cultura francesa, como todo brasileiro de classe média daquela época. A viagem do pai com a família à França para fazer uma especialização médica entre 1928 e 1929 é emblemática, no sentido de construir afinidades com a cultura francesa, com a qual mais tarde iria conviver na USP. O contato mais profundo com a cultura francesa se deu por meio de sua professora particular, Maria de Sussex, que era francesa e lhe dava aulas em sua casa na França (Ibidem).

Apesar do ambiente educacional, a escolha pelo curso de Letras não estava no horizonte de Cândido. As Ciências Sociais figuravam no horizonte de possibilidade mais viável devido ao clima cultural da década de 1930 e ao reiterado interesse dessa ciência pela realidade brasileira. Isto revela o caldo cultural da época, capaz de influenciar desejos e aspirações, endossando assim rupturas e continuidades no plano intelectual e cultural. Isso, porém, significaria um rebaixamento social para ele, visto que tentou a faculdade de Medicina em 1937 e foi reprovado. Após mais um ano de preparo, desistiu e optou pelo curso de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia (Ibidem, pp. 169-170). Cândido, para amenizar a decepção de não seguir a carreira paterna, cursou também Direito, fazendo assim duas faculdades. Suas escolhas de cursos e de lugar de enunciação de seu pensamento (a revista *Clima*) revelam ambiguidades

Cândido foi também um estudante entre “duas faculdades”. Essa divisão, desdobrada no plano intelectual pelo exercício da crítica literária e o ensino da Sociologia em moldes acadêmicos, marcou desde o início da sua trajetória profissional (Ibidem, p. 170).

Talvez este seja um ponto crucial para entender

a sua trajetória. Provavelmente se Cândido tivesse publicado seus trabalhos dentro dos moldes da academia e posto como eixo central de seu trabalho a Faculdade de Filosofia, ele teria imprimido seu pensamento com maior amplitude dentro da “Escola Paulista de Sociologia”. A participação de Cândido em publicações especializadas da época é irrisória se comparada à de Florestan Fernandes e seu grupo, principalmente a partir da década de 1950 [6] (JACKSON, 2004). Isto revela a organicidade com que Florestan e seu grupo trabalhavam, dando significado e significância ao tipo de intelectual que ele estava se tornando e sua concepção de trabalho intelectual.

Enquanto para Cândido a entrada no curso de Ciências sociais (que na época não oferecia uma carreira profissional clara) tinha um significado de rebaixamento social, para Florestan significava uma ascensão e única forma de adentrar no mundo universitário, dado que dificilmente conseguiria entrar em uma faculdade de Medicina ou Direito devido a sua condição social. Ele entrou sem se preocupar com a carreira porque quase sempre sobreviveu com os empregos arranjados (Ibidem, pp. 170-172).

Os jovens que criaram a revista *Clima*, entre eles Antônio Cândido, reconheciam a influência de professor Jean Mangüé no que concerne aos seus interesses pela cultura em geral:

Segundo Antônio Cândido, Mangüé “confirmou em muitos de nós uma vocação de crítica e de ensaísmo que nos foi levado a deixar de lado filosofia e Sociologia, para nos aninharmos na literatura e nas artes” (Cândido, 1993, Apud PONTES, 1998, p. 95).

Cândido, expressando sua afeição e admiração pelo professor, escreveria um texto dedicado a ele intitulado *A importância de não ser filósofo*. A escrita deste ensaio mostra a importância e a admiração que os membros do Grupo Clima tinham para com o professor e quão importante ele foi para a formação dos membros deste grupo. Segundo Pontes (1998), como todo estudante de Ciências Sociais da época, o jovem Florestan também se impressionara com Mangüé, mas não o reconhece como importante na sua formação. Posteriormente ele admitiria que foi mais influenciado por Roger Bastide [7] e Emílio Willems. Os espaços de sociabilidade dos integrantes da revista Clima eram diferentes dos espaços de Florestan Fernandes. Em suma, os integrantes do grupo Clima, devido às:

Suas origens sociais, as experiências culturais que tiveram no decorrer da infância e na adolescência, somadas à influência intelectual que receberam dos pais, de parentes próximos, sobretudo dos professores franceses, refletiram-se na escolha dos objetos culturais e no tratamento analítico que lhes concederam (Ibidem, p. 174).

Como já foi mencionado, os integrantes do grupo Clima tratavam os objetos na intersecção entre a Sociologia e a arte. Uma das diferenças significativas, segundo Pontes, entre este grupo de Cândido e o de Florestan Fernandes eram os livros que liam. Enquanto Florestan Fernandes estudava quase monasticamente Durkheim, Weber, e, mais tarde, Marx e os antropólogos ingleses inseridos dentro do paradigma estrutural-funcionalista, os integrantes do grupo Clima liam e absorviam os modernistas e suas inovações estéticas (Ibidem, p. 147). No entanto, é preciso matizar a influência do modernismo em Florestan porque

na história não existe desejos, aspirações e significados de vida fora de seu contexto social. Roger Bastide, professor de Florestan e regente da cadeira de Sociologia I, dialogou desde o início da década de 1940 até sua saída em 1954 com questões que foram consequências, não do tipo mecanicista e primária, do movimento de 1922. Peixoto (2000) mostra que Bastide travou diálogos com autores brasileiros como o modernista Mario de Andrade e o ensaísta Gilberto Freyre. Isto demonstra que apesar da liberdade teórica e crítica que Bastide dava aos seus alunos, ele plasmou em Florestan a vontade e o interesse de estudar o Brasil, mesmo que os objetivos fossem diferentes. Nesse sentido, os trabalhos sobre o folclore paulista de Florestan são bastante emblemáticos.

Os professores plasmaram, de forma mais ou menos clara, essas posições de interesse pela realidade brasileira. É necessário não caricaturar determinado autor por este mudar eventualmente de posicionamento ao longo de sua carreira. Nesse sentido, o interesse de alguns professores franceses pela realidade brasileira foi mais um eixo catalizador, em torno do qual girou a cultura científica de um certo setor da Faculdade de Filosofia, provando assim que os professores também tinham influências do contexto brasileiro. Sobretudo, porque esse caldo cultural da década de 1930 foi propício ao:

[...] surgimento de condições para realizar, difundir e “normalizar” uma série de aspirações, inovações, pressentimentos, gerados no decênio de 1920, que tinha sido uma sementeira de grandes e inúmeras mudanças (Cândido, 2000a, p. 27).

A USP nasce com e para rotinizar os projetos

modernistas. Nesse sentido, a USP era produto do movimento modernista e do contexto de crise política e social do período. E os professores, neste contexto, se debatiam dentro deste quadro cultural. Havia de um lado, a cultura francesa e norte-americana, com um processo de modernização mais avançado, e de outro, um país considerado atrasado em vários sentidos. Essa inadequação entre os valores ocidentais e a realidade brasileira será uma constante nos trabalhos acadêmicos da época e se refletia em uma problemática de pesquisa a qual a “Escola Paulista de Sociologia” se colocou: o problema da modernização brasileira (JACKSON, 2007a, pp. 115-116). A temática não era nova, os chamados “Intérpretes do Brasil” também lançaram e tentaram discutir a questão. A novidade estava na abordagem dessa problemática em um novo sistema de produção cultural e acadêmico por um tipo específico de intelectual que plasmou a sociabilidade desse meio.

Enquanto Florestan Fernandes seguiu sua carreira dentro da academia tentando estabelecer as bases de cientificidade da Sociologia, Antônio Cândido teve percalços, dúvidas e ambiguidades em seu caminho. Este vinha produzindo e construindo ativamente a vida literária nacional desde 1941 na revista *Clima*. Ao terminar a graduação em 1942 assume primeiramente a vaga de professor assistente na cadeira de Sociologia II, ocupada naquela época por Fernando de Azevedo. Passando então a trabalhar como primeiro professor assistente e crítico cultural. No ano seguinte ao encerramento da revista *Clima*, em 1945, escreve a sua tese de Livre-Docência, *Introdução ao método crítico* de Silvio Romero. Neste mesmo ano, escreve também *Brigada ligeira*. Os objetos

que este escolhe são emblemáticos e esclarecedores porque revelam a posição do estatuto epistemológico com que este vê a Sociologia. Um modo de fazer sociológico que dialoga com a tradição ensaística que remete a Euclides da Cunha. Cândido já havia tido contato na biblioteca dos Mello e Souza com o objeto escolhido: Silvio Romero (PONTES, 1998, pp. 154-155). Este se mostraria uma forte influência em seu pensamento.

Segundo Jackson, as posições de Antônio Cândido não são reveladas claramente. Por isso, é mais produtivo mostrar seus escritos sobre determinados autores do pensamento social brasileiro, pois isto revela as suas posições em torno do fazer sociológico (JACKSON, 2001, p. 132). Pontes, tratando de Cândido, sinaliza as fontes do pensamento social brasileiro que ele analisa:

Mesmo depois de deixar a casa de Poços de Caldas para vir morar em São Paulo, com a finalidade de completar os estudos secundários e ingressar a universidade, Cândido ainda lia os livros ‘de uma outra geração, de um outro tempo’, que talvez tenha contribuído para produzir ‘um certo apego à tradição e ao passado’ (PONTES, 1998, p. 155).

Durante toda a década de 1940, Cândido não dispersa as ambiguidades de sua carreira intelectual e institucional. Neste ínterim, Florestan Fernandes, devido ao seu bom desempenho acadêmico, é convidado para compor o quadro de professor assistente em várias cadeiras já no final de sua graduação, em 1944. Um dos convites que recebeu foi o de Paul Hugson para a cadeira de Economia e de Eduardo Alcântara para a cadeira de Estatística. Mas o convite que ele aceitou foi o de Fernando de Azevedo para a cadeira de Sociologia II. Ainda segundo Pontes, Antônio Cândido já se encontrava

nessa cadeira como primeiro professor assistente e já tinha certa intimidade com Florestan. Intimidade suficiente para dissipar o medo de Florestan por assumir uma posição de grande responsabilidade, visto que tinha acabado de concluir o curso (Ibidem, p. 148). A escolha de Florestan mostra assim a importância desse evento no desenrolar da sua carreira acadêmica, no sentido de orientá-lo academicamente. A atuação institucional e intelectual de Florestan Fernandes é de fundamental importância, pois é com esta que, a partir da segunda metade da década de 1940 e no decênio seguinte, ganha vulto uma visão mais científicista do fazer sociológico, já marcada pela visão dos professores estrangeiros (ARRUDA e GARCIA, 2003, p. 61). Os desdobramentos desses eventos são importantes para especificar o tipo de intelectual que a Faculdade de Filosofia produziu nesse início da formação do campo intelectual brasileiro. Ela própria se tornaria o centro e o eixo de um novo sistema de produção conhecimento,

Implantado pelos professores estrangeiros, franceses em particular, esse sistema foi se aclimatando e firmando raízes no campo intelectual paulista, graças à atuação, no decorrer dos decênios de 1940 e 1950, dos membros mais expressivos do corpo docente da faculdade de filosofia: os integrantes do grupo Clima e os cientistas sociais reunidos em torno da cadeira de Sociologia I, sob a liderança intelectual e institucional de Florestan Fernandes (PONTES, 1998, p. 173).

Antes de Florestan Fernandes assumir a cadeira I de Sociologia, ele cursou o mestrado na Escola Livre de Sociologia e Política. Um dos mais importantes projetos educacionais do decênio de 1930, essa instituição era influenciada pela Escola de Chicago, graças aos norte-americanos que lá lecionaram. Em seu projeto original,

a orientação era formar uma elite técnica para suprir a demanda do estado frente a sua crescente burocratização e modernização. Sua orientação era utilitarista e intervencionista, baseados no empirismo. Esta escola foi pioneira na institucionalização da pós-graduação das Ciências Sociais no Brasil e fundadora da mais importante revista especializada do período, *Sociologia* (1939-1966). Em 1947, Florestan escreve a dissertação de mestrado sob a orientação informal do professor Herbert Baldus. A dissertação foi intitulada *A organização social dos Tupinambás*. Segundo Arruda e Garcia (2003), Florestan tinha uma posição em relação à teoria e metodologia da Escola Livre de Sociologia e Política. Na ELSP era valorizado o cientista social investigador e as técnicas de pesquisas. O alcance dos estudos se dava no nível descritivo, sem alcançar o plano da teoria, ficando no mero empirismo. O principal defensor desse método é o Prof. Donald Pierson. Florestan Fernandes acreditava que a pesquisa deveria ter o embasamento teórico nos clássicos da jovem Ciência Social. Reconhecia também que a pesquisa é uma parte fundamental da prática científica, porém ela só teria sentido se alcançasse, de maneira rigorosa, o plano teórico (ARRUDA e GARCIA, 2003, pp. 69-70). Nesse sentido, rejeita a orientação de Daniel Pierson. No entanto, é preciso matizar sua posição porque,

Florestan Fernandes incorporou as diretrizes profissionalizantes identificadas à Escola Livre de Sociologia e Política à consideração das necessidades do contexto sociocultural brasileiro, valorizando assim a formação do pesquisador e do técnico. Em sua atuação como professor na USP, defendeu vigorosamente a adoção desses objetivos, pelo curso de Ciências Sociais, tendo atuado de forma decisiva para a concepção e a implantação

da formação do sociólogo investigador (Ibidem, p. 70).

Em suma, com *A organização Social dos Tupinambás* ganha o prêmio Fábio Prado, em 1948. É importante assinalar que Florestan entrou na Escola Livre de Sociologia e Política como consequência da ausência de um curso de mestrado na Faculdade de Filosofia da USP. A dissertação é um trunfo para Florestan, deixando-o mais próximo do prestígio e da hegemonia no campo.

Em seu projeto de vida, Florestan,

Ao demarcar a própria identidade pela diferença em relação aos homens práticos da esfera econômica e da esfera política, a elite liberal paulista, graças à sua situação social, ligou-se harmonicamente à concepção moderna da autonomia da cultura (Ibidem, p. 40).

É reveladora essa autonomia relativa da esfera política de Florestan porque mostra que a experiência uspiana foi se desligando cada vez mais de seu projeto, que era formar uma elite política que iria governar o país, e se colocando como formadora de uma elite intelectual e acadêmica que marcaria o pensamento social brasileiro. Mas devemos ter em mente que Florestan plasmou em sua própria identidade (e na de seus assistentes) a figura do intelectual público brasileiro (principalmente a partir da década de 50 e 60), buscando, porém, separar nitidamente política e ciência e a teoria dos seus desdobramentos políticos [8].

Em 1951, Florestan apresenta junto à cadeira de Sociologia II a tese intitulada *A função Social da Guerra na Sociedade Tupinambá*, que ultrapassaria as pretensões de um estudo de comunidade porque colocaria a dimensão interpretativa com mais peso, manejando criteriosamente

o método funcionalista na análise das relações sincrônicas das relações sociais dos Tupinambás, pincelando, assim, uma teoria de médio alcance (ARRUDA; GARCIA, 2003, p. 70-71). Florestan foi demarcando, desta forma, sua atuação e concepção do fazer sociológico em relação à orientação da Escola Livre de Sociologia e Política, que tinha como sua viga mestra de pensamento, o estudo de comunidades. Em suma, o trabalho seria consagrado e se apresentaria como o “‘produto puro’ e mais bem acabado do novo sistema de produção intelectual e acadêmico implantado na capital paulista” (Ibidem, p. 71).

Enquanto Florestan Fernandes seguia em sua galgada de posições rumo ao prestígio e a hegemonia no campo intelectual, Antônio Cândido persistia em suas ambiguidades e dúvidas em sua carreira. Ao mesmo tempo em que era professor assistente de Sociologia na USP, era também produtor de conhecimento na área de literatura. Esta situação perdurar-se-ia até o final dos anos 1950.

Cândido doutorou-se em 1954, doutorado que fez junto à cadeira de Sociologia II. A tese demorou dez anos para ser concluída. Talvez a carreira acadêmica tardia de Cândido (PONTES, 1998, pp. 201-211) se dê por causa destas dúvidas e ambigüidades (para uma melhor visualização do percurso institucional dos dois ver quadro 1, no final deste trabalho). O título de sua tese é *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre a crise de subsistência do caipira paulista*. Como o título sugere, trata-se de um estudo do caipira paulista e sua cultura. A primeira parte é uma reconstrução histórica da formação da cultura caipira. A segunda é uma descrição da rotina dos parceiros e dos seus hábitos alimentares (principal eixo de análise de Cândido). A terceira parte é a interpretação

sociológica de dados colhidos etnograficamente. Segundo Jackson, *Os parceiros do Rio bonito* dialoga com uma tradição de pensamento que remonta a Euclides da Cunha, o ensaísmo. Segundo ele,

Os parceiros do rio Bonito não é apenas uma monografia antropológica (ou um estudo de comunidade), mas uma interpretação abrangente de nossa formação social [...] É a partir do parceiro de bofete, entretanto, que Antônio Cândido recupera a formação histórica da cultura caipira no Estado de São Paulo, e com ela a tradição esquecida da formação social brasileira. (JACKSON, 2001, p. 128).

Este retoma a tradição dos ensaístas de priorizar em suas análises um quadro histórico de formação de nossa nação. A formação da literatura brasileira: momentos decisivos foi escrita na mesma época d'Os parceiros do Rio Bonito. Nesse trabalho o autor reconstrói a formação de nossa literatura enquanto sistema e sugere que esta é a nossa origem intelectual e artística e que a origem do pensamento social advém de um processo de autonomização entre crítica literária e o pensamento social brasileiro (Cândido, 2000b). Segundo Jackson, *A formação da literatura brasileira e Os parceiros do Rio Bonito*:

Apesar da evidente distância temática, as duas obras correspondem de forma diferenciada a uma mesma preocupação, apontando para uma unidade interna à diversidade de sua produção que a vinculam a problemas típicos de uma tradição específica do pensamento brasileiro (JACKSON, 2001, p. 128).

No entanto, é necessário matizar a influência dessa tradição do pensamento social brasileiro sobre Cândido em *Os parceiros do Rio Bonito*. Pois, como coloca o autor, “o tema escolhido, a pesquisa empírica realizada, assim com a sustentação teórica do trabalho se devem, em grande

parte, à formação científica recebida na USP” (Ibidem, p. 137).

Nesse entremeio, Florestan escreveu, em 1953, sua tese de Livre-Docência Intitulada *Ensaio sobre o método de interpretação funcionalista na Sociologia*. No ano seguinte, com a volta de Roger Bastide para a França, Florestan assume a regência da Cadeira de Sociologia I. Este é o marco de coroamento de seus esforços, pois é a partir desta posição institucional e intelectual que ele instauraria um modelo de sociólogo e uma Sociologia (Sociologia do desenvolvimento) que reverberará por muito tempo nas Ciências Sociais brasileiras:

Ao se desdobrar em âmbitos diversos de atuação, a posição científica de Florestan Fernandes fundamenta um modelo de produção sociológica que se institucionaliza na cadeira de Sociologia I da Faculdade de Filosofia a partir da década de 1950. Em seus desenvolvimentos, esse, modelo orientará o diagnóstico e análise do processo moderno na sociedade brasileira, edificando uma Sociologia do Brasil que se constrói como desdobramento da implantação das bases de uma Sociologia científica no Brasil (ARRUDA, GARCIA, 2003, p. 87).

Cândido com suas ambiguidades e em seus constrangimentos intelectuais e institucionais dentro da faculdade de filosofia vinha cada vez mais perdendo espaço para reproduzir seus verdadeiros interesses: a literatura e a cultura em geral (PONTES, 1998, p. 176). Este era tido cada vez mais como o oposto de Florestan. Com duas frentes de atuação, as atividades ditas culturais e as atividades ditas científicas, ele foi ficando cada vez mais ressentido. O ápice ocorreu em 1957, quando tirou férias não remuneradas. Seus colegas, sentindo que iriam perdê-lo, ofereceram a matéria Sociologia da educação

para ele ministrar, mas foi em vão. Em 1959, Cândido sai da USP e vai para a Faculdade de Assis, no interior de São Paulo (o que representa um rebaixamento de carreira). Neste emaranhado cenário, Florestan já havia reunido, em torno da cadeira de Sociologia I, bons cientistas sociais que partilhavam temas e linhas de interpretação bem articuladas sobre a realidade brasileira. Isto é um indício da hegemonia que a Sociologia do desenvolvimento já tinha na época, revelando assim, a posição que a cadeira de Sociologia II tinha dentro da Faculdade de Filosofia, na qual, segundo Sprandarelli (2014), estava relacionada à “elegância”, “Cultura”, “literatura”, “aristocratismo”, “elitismo”, “ensaísmo” e “artes”. A partir de 1964, com a regência de Ruy Coelho essa cátedra iria se diversificar, reunindo sociólogos das mais diferentes vertentes.

Nos anos em que ficou na Faculdade de Assis Cândido publicou *Formação da literatura brasileira* e o *Observador literário* e se consagrou como um dos maiores estudiosos da literatura brasileira. Este retornaria para a USP em 1961, inserido no departamento de Letras e para assumir a cadeira de Teoria Literária e Literatura Comparada. Desta vez estava mais seguro intelectualmente e com um espaço institucional para reproduzir seu pensamento.

As posições de Cândido e Florestan são reveladas a partir de seus escritos. Florestan pensou em métodos científicos da Sociologia durante toda a sua carreira. O maior exemplo é sua tese de livre-docência, *Ensaio sobre o método de interpretação funcionalista na Sociologia*, publicada em 1953. Outros escritos se fundam na mesma perspectiva, como *A análise funcionalista da guerra: possibilidades de aplicação à sociedade tupinambá* (1949),

Apontamentos sobre o problema da indução na Sociologia (1954) e *A reconstrução da realidade nas Ciências Sociais* (1957). Antônio Cândido, por outro lado, não se debruçou muito sobre os métodos. No entanto, ele tinha uma visão sobre o estatuto epistemológico da Sociologia. Isto é revelado, segundo Jackson (2001), quando se observa seus escritos: a tradição ensaística e sua forma de escrita. Os textos de Florestan eram escritos em uma linguagem intratável. Seus textos não são literariamente construídos e são cheios de conceitos, o que revela a defesa de uma diferenciação entre a linguagem de um cientista social e a de um literato [9]. Já Cândido e seu grupo escreviam com um certo trato literário seus textos. Esta diferenciação da linguagem se revela pela recusa de Florestan a escrever ensaios. Este usou a palavra ensaio três vezes em sua carreira: em *Ensaio sobre o método da interpretação funcionalista na Sociologia*; *Ensaio de Sociologia geral e aplicada*, e; *A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica*. No primeiro uso ele quis denotar tentativa; no segundo, utilizou significando um conjunto de artigos, e; no terceiro uso, já em uma fase de desalojamento da vida acadêmica devido ao regime militar, ele escreve se referindo ao gênero textual. A utilização da palavra revela um recuo frente as suas tentativas de diferenciar a linguagem acadêmica da linguagem literária. Não obstante, não abandonou o rigor científico que marcou sua atuação como Cientista Social.

A galgada de posições de Florestan Fernandes dentro da Sociologia brasileira se explica em parte pela sua atuação institucional e intelectual. Graças a isso, no decorrer dos anos 1950 e fins de 1960, este ocupou:

O papel de artífice mestre na posição da Sociologia no sistema científico brasileiro, na medida em que a converteu no seu projeto de vida, moldando-se na matéria que ele mesmo plasmou, mesclando sua identidade ao desenvolvimento e à afirmação da disciplina (ARRUDA e GARCIA, 2003, p. 15).

Deixou assim, marcas no que concerne ao fazer sociológico. Com a hegemonia da posição de Florestan Fernandes fincam-se as bases de uma ciência da sociedade para explicar a realidade social no Brasil. Isto é constatado pelo número de orientações que fez durante as décadas de 1940 e 1950 e pelo número de discípulos que reuniu em torno da cadeira de Sociologia I [10]. Isso se traduz na formação de uma escola e na continuidade de uma linha de interpretação da realidade brasileira. Como pontua Arruda (2014),

La articulación de los temas de investigación dio sus frutos y produjo afinidades intelectuales en el grupo reunido por fernandes, lo que justifica la identificación construida más tarde y sintetizada en la expresión “escuela paulista de sociología”, aun cuando la convivencia no hubiese sido siempre pacífica y hubiera diferencias internas entre los participantes (ARRUDA, 2014, p. 148).

3. Considerações Finais

Depois de Florestan, a identidade profissional do sociólogo foi demarcada estabelecendo o espírito e a organização científica como condição sine qua non para a qualificação de um sociólogo. Seu posicionamento sobre o fazer sociológico é resultado da sua origem nas camadas subalternas de uma sociedade que se democratizava e de um período em que as Ciências Sociais no Brasil ainda estavam em vias de consolidação. Dado que Florestan não dominava a cultura geral, a cultura acadêmica lhe serviu

como meio para construir a si próprio e para construir um ambiente demarcado de reflexão crítica e científica que se institucionalizava cada vez mais, imprimindo de certa forma, graças a sua atuação, sua identidade à identidade de uma profissão: o sociólogo no Brasil.

A Sociologia brasileira hoje é diversificada. O campo científico brasileiro cresceu e se globalizou (MARTINS e MICELI, 2017) desde os primórdios de seu surgimento em São Paulo. Hoje, Cândido e Florestan são clássicos da Sociologia. Não se desfez a hierarquia de métodos e objetos, mas, pelo menos, temos mais liberdade de escolha. A hierarquia de métodos e objetos na fase primordial de institucionalização das Ciências Sociais em São Paulo revela disputas em torno do estatuto epistemológico da disciplina, não em sua validade enquanto ciência, mas em torno dos caminhos à constituição desta. Cândido e Florestan são os exemplos mais claros dessas disputas. Ambos queriam fincar um status de ciência da sociedade para a Sociologia. Um com o modo mais rígido de ciência, outro com uma visão menos rígida, ligada à tradição ensaística, que teria como vantagem a intuição e a imaginação no pensamento sociológico. Nessa fase do processo de autonomização intelectual e acadêmica das Ciências Sociais no Brasil, as disputas em torno dos significados da profissionalização e da disciplinarização é inevitável. Por isso, é papel do sociólogo mostrar esses embates de visões e posições em face desses processos.

INFORMAÇÕES SOBRE O AUTOR

*Graduando em Ciências Sociais pela Universidade de Brasília - UnB. Email: Elielfera5@hotmail.com

ANEXO I

Quadro 1: Trajetória intelectual e institucional de Florestan Fernandes e Antônio Cândido

Ano	Antonio Candido	Florestan Fernandes
1939	Graduação	
1940	Graduação	
1941	Graduação (Criação do Grupo <i>Clima</i>)	Graduação
1942	Primeiro professor assistente na cadeira de Sociologia II (Fernando de Azevedo)	Graduação
1943	Primeiro professor assistente na cadeira de Sociologia II	Graduação
1944	Primeiro professor assistente na cadeira de Sociologia II (Fim do grupo <i>Clima</i>)	Termina a graduação/Segundo professor assistente na cadeira de Sociologia II
1945	Primeiro professor assistente na cadeira de Sociologia II/Tese de livre docência com <i>Introdução ao método crítico de Silvio Romero</i>	Segundo professor assistente na cadeira de Sociologia II
1946	Primeiro professor assistente na cadeira de Sociologia II	Segundo professor assistente na cadeira de Sociologia II
1947	Primeiro professor assistente na cadeira de Sociologia II	Mestrado pela Escola Livre de Sociologia e Política com a dissertação <i>A organização social dos Tupinambás</i> / Segundo professor assistente na cadeira de Sociologia II
1948	Primeiro professor assistente na cadeira de Sociologia II	Segundo professor assistente na cadeira de Sociologia II
1949	Primeiro professor assistente na cadeira de Sociologia II	Segundo professor assistente na cadeira de Sociologia II
1950	Primeiro professor assistente na cadeira de Sociologia II	Segundo professor assistente na cadeira de Sociologia II
1951	Primeiro professor assistente na cadeira de Sociologia II	Segundo professor assistente na cadeira de Sociologia II/ Doutor na Cadeira de Sociologia II, com a tese <i>A função social da guerra na sociedade Tupinambá</i>
1952	Primeiro professor assistente na cadeira de Sociologia II	Primeiro professor assistente na cadeira de Sociologia I
1953	Primeiro professor assistente na cadeira de Sociologia II	Primeiro professor assistente na cadeira de Sociologia I/Tese de Livre-Docência <i>Ensaio sobre o método de interpretação funcionalista na Sociologia</i>
1954	Primeiro professor assistente na cadeira de Sociologia II/Doutorado com a tese <i>Os parceiros do Rio Bonito</i>	Assume a regência da Cadeira de Sociologia I, com a volta de Roger Bastide para a França

1955	Primeiro professor assistente na cadeira de Sociologia II	Regência da Cadeira de Sociologia I (“Professor contratado”)
1956	Primeiro professor assistente na cadeira de Sociologia II	Regência da Cadeira de Sociologia I (“””””)
1957	Primeiro professor assistente na cadeira de Sociologia II/Ano de férias	Regência da Cadeira de Sociologia I (“””””)
1958	Primeiro professor assistente na cadeira de Sociologia II	Regência da Cadeira de Sociologia I (“””””)
1959	Faculdade de Assis	Regência da Cadeira de Sociologia I (“””””)
1960	Faculdade de Assis	Regência da Cadeira de Sociologia I (“””””)
1961	Volta à USP ocupando a cadeira de Teoria Literária e Literatura Comparada	Regência da Cadeira de Sociologia I (“””””)
1962		Regência da Cadeira de Sociologia I (“””””)
1963		Regência da Cadeira de Sociologia I (“””””)
1965		Cátedrático na Cadeira de Sociologia I

NOTAS

[1] Utilizo o conceito de trajetória conforme Bourdieu (2008: 74-82).

[2] Segundo Jackson (2007a), essa hegemonia da Sociologia de Florestan Fernandes durou até a década de 1970. No entanto, desde a década de 60 os discípulos de Florestan, reunidos em torno da cadeira de Sociologia I, já vinham mostrando a crise e as disputas internas ao grupo. O golpe de 1964 aprofundaria essa crise e a Sociologia de Florestan perderia a hegemonia no campo acadêmico (JACKSON, 2007a, pp. 124-125).

[3] Democratização causada pelas reformas de ensino que se nacionalizaram devido a agentes específicos como Fernando de Azevedo que foi um dos mais expressivos representantes da chamada Educação nova, lançou bases

e diretrizes para uma política educacional renovada que desaguaria na criação da USP.

[4] Mais lugar de enunciação de Florestan Fernandes do que de Antônio Cândido, principalmente nos anos 40 e 50.

[5] Cândido não achava isso um problema como mostra os textos “A Sociologia no Brasil” e “Literatura e cultura de 1900 à 1945”. Ele defende o “sincretismo” da Sociologia e literatura, que segundo ele, é produto de nossa evolução mental e de necessidades de compreensão de nossa realidade.

[6] Jackson (2007a) observa que a formação de grupos em torno de um mestre com um projeto foi o que garantiu o sucesso relativo de alguns projetos sociológicos. Dois bons exemplos são os de Florestan Fernandes e Donald Pierson,

onde os grupos desses sociólogos revelam disputas mais amplas em torno do estatuto epistemológico da Sociologia e da hegemonia no campo intelectual entre a FFCL da USP e a ELSP, escolas com abordagens diferentes (JACKSON, 2007a, p. 126).

[7] No entanto, é preciso matizar a influência de Roger Bastide sobre Florestan. Como observa Peixoto (2000), com a volta de Bastide para a França em 1954 e ao assumir a regência da cadeira de Sociologia I, Florestan tem descontinuidades de pensamentos em relação ao seu mestre. Os mais aptos para levar adiante o pensamento de Bastide eram as suas assistentes, Gilda de Mello e Souza e Maria Isaura Pereira de Queiroz. Gilda de Mello tinha seus trunfos intelectuais e culturais para assumir a regência da cadeira, visto que era a primeira assistente e já havia terminado o doutorado (JACKSON, 2007a, p. 123). Mas Florestan tinha seus trunfos devido à sua atuação institucional e intelectual, e a escolha dele, com o olhar privilegiado de um observador do futuro, parece óbvia.

[8] Isto demarca a sua atuação em relação ao grupo de Guerreiro Ramos, chamados de Isebianos, que na década de 50 e 60 iram ter debates acirrados em torno do desenvolvimento nacional e em torno do fazer sociológico (BARIANI JUNHIOR, 2003).

[9] Jackson (2007b) mostra como essa disputa se dava no campo intelectual paulista, no tom das resenhas escritas por Florestan e seu grupo, que procurava diferenciar bem a linguagem científica da linguagem literária.

[10] Ver ARRUDA e GARCIA (2003).

REFERÊNCIAS

ARRUDA, M. A. N.; GARCIA, S, G. Florestan Fernandes:

Mestre da sociologia moderna. Brasília: Paralelo 15. 2003.

ARRUDA, M. A. N. A sociologia de Florestan Fernandes. *Tempo Social*, v. 22, n. 1, p. 9–27, 1 jun. 2010.

_____. Sociedad y cultura modernas en Brasil: La formación de La sociología em San Pablo. *Revista de estudios brasileños*. v.1, n.1, p.141–154. 2014. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/reb/article/view/98531/97209>>. Acessado em: 19 Abri. 2020.

BARIANI JUNHIOR, E. A sociologia no Brasil: uma batalha, duas trajetórias (Florestan Fernandes e Guerreiro Ramos). 2003. 116 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2003.

BOURDIEU, P. Razões práticas: sobre a teoria da ação. 9ª ed. Campinas: Papirus, 2008.

Cândido, A. A revolução de 1930 e a cultura. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo, Ática, 2000a.

_____. A formação da literatura brasileira. 9ª ed. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Itatiaia. 2000b.

_____. *Recortes*, São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

SPIRANDELLI, C. C. Professoras, cátedras e ensino de sociologia na USP: anos 1940-1960. *Revista brasileira de sociologia*, v.2, n.1, p. 151-180, 2014. Disponível em: <<http://www.sbsociologia.com.br/rbsociologia/index.php/rbs/article/view/94>>. Acessado em: 19 abr. 2020.

JACKSON, L. C. A tradição esquecida: Estudo sobre a sociologia de Antônio Cândido. *Revista brasileira de ciências sociais*, v.16, nº 47, p. 127–184, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v16n47/7724.pdf>>. Acessado em: 19 abr. 2020.

_____. A sociologia paulista nas revistas

especializadas (1940-1965). *Tempo Social*, v.16, n.1. p.263-283. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702004000100013>. Acessado em: 19 abr. 2020.

_____. Gerações pioneiras na sociologia paulista (1934-1969). *Tempo Social*, v.19, n.1,p.115-130, 2007a. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v19n1/a07v19n1.pdf>>. Acessado em: 19 abr. 2020.

_____. Tensões e disputas na sociologia paulista (1940-1970). *Revista brasileira de Ciências Sociais*, v.22, n.65, p. 33-49, 2007b. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092007000300004>. Acessado em: 19 abr. 2020.

LEPENIES, W. *As três Culturas*. Trad: Maria Clara Cescato. São Paulo: Ed. USP, 1996.

MARTINS, C. B; MICELI, S. Por uma sociologia da sociologia brasileira. In: (Orgs). *Sociologia brasileira hoje*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2017. p. 7-15.

MICELI, S. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras. 2001.

MOTA, C. G. *Ideologia da cultura brasileira (1933-1974):Pontos de partida para uma revisão histórica*. São Paulo, Editora Ática. 1985.

PEIXOTO, F. *Diálogos brasileiros: uma análise da obra de Roger Bastide*. São Paulo, Edusp/Fapesp. 2000.

PONTES, H. *Destinos mistos: Os críticos do grupo Clima em São Paulo (1940-1968)*. São Paulo. Companhia Das Letras. 1998.